



CENÁRIOS IMAGÉTICOS DA FRONTEIRA BRASIL/URUGUAI: UM PENSAR SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAIS POSSÍVEIS

Juliana Corrêa Pereira Schlee – FURG;

Paula Corrêa Henning – FURG.

CAPES

Resumo: Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada no Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental (PPGEA-FURG) que entrelaça a temática educação ambientais e a fronteira Brasil-Uruguai, potencializando com a arte e a filosofia os pensamentos sobre os mais diversos aspectos transversais como os culturais, históricos, artísticos, subjetivos, ambientais que compõe a fronteira através de materiais que produzem cenários imagéticos. Esta pesquisa tem como referencial teórico autores da Filosofia da Diferença, como Foucault, Deleuze, Guattari. Para isso, buscamos em um primeiro momento, mirar para o entrelaçamento entre educação ambientais e fronteira, para em seguida percorrer alguns movimentos históricos e culturais que constituíram a fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Entendendo ser a fronteira uma construção histórica, cultural, social, em que a intervenção humana delinea seus significados, produz os modos de ser e viver e se relacionar ambientalmente com este território. Em um segundo momento, exploramos materiais que fabricam imagens e narrativas da fronteira Brasil-Uruguai articulando a arte e a filosofia para pensar possíveis educação ambientais nesse espaço-tempo fronteiriço. A partir da Filosofia da Diferença nos provocamos a pensar nos fluxos de vida e processos culturais, estéticos, ambientais, sociais que constituem esta região de fronteira, e talvez suscitar possíveis educação ambientais a partir de um viver fronteiriço.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Filosofia. Fronteira.

Primeiras palavras

Aqui há uma só terra, há só uma gente, seja do lado de cá, seja do lado de lá (SCHLEE, 1984).

“Uma só terra, uma só gente” que constitui este território da fronteira entre o Brasil e o Uruguai, “seja do lado de cá, seja do lado de lá” como nos instiga o escritor contista Aldyr Garcia Schlee. É neste lugar que começamos a escrita, a partir de uma delimitação instituída,

Promoção:



Apoio:





fixada por tratados e leis, é neste encontro entre o Brasil e o Uruguai que nasce esta pesquisa a partir de inquietações potentes sobre a temática educação ambiental e fronteira.

A potência da pesquisa reside no viver. No estar. No ser/sentir fronteiriço. Neste lugar que vivemos e que é marcado por uma linha divisória. Uma fronteira imposta entre nós, brasileiros e brasileiras e nossos co-irmãos uruguaias e uruguaios. Entendemos que tais demarcações de lugar nos potencializam a pensar sobre possíveis educações ambientais sob o entrelaçamento entre arte e filosofia.

Para isso, buscamos em um primeiro momento, mirar para a trama entre educações ambientais e fronteira, para em seguida percorrer alguns movimentos históricos e culturais que constituíram a fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Entendendo ser a fronteira uma construção histórica, cultural, social, em que a intervenção humana delinea seus significados, produz os modos de ser e viver e se relacionar ambientalmente com este território. Em um segundo momento, exploramos materiais que fabricam imagens e narrativas da fronteira Brasil-Uruguai articulando a arte e a filosofia para pensar possíveis educações ambientais nesse espaço-tempo fronteiriço. A partir da Filosofia da Diferença nos provocamos a pensar nos fluxos de vida e processos culturais, estéticos, ambientais, sociais que constituem esta região de fronteira, e talvez suscitar possíveis educações ambientais a partir de um viver fronteiriço.

Entrelaçamentos entre Educação Ambiental e Fronteira

A Educação Ambiental surge no final do século passado, em um momento de crise ambiental, onde somos urgentemente convocados a repensar nossos modos de vida perante o Planeta Terra, também a encontrar soluções para os problemas “do mundo” e para o esgotamento dos recursos naturais, como podemos ler na Declaração da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, Tbilisi, 1977:

Uma vez compreendida devidamente, a educação ambiental deve constituir um ensino geral permanente, reagindo às mudanças que se produzem num mundo em rápida evolução. Esse tipo de educação deve também possibilitar ao indivíduo compreender os principais problemas do mundo contemporâneo, proporcionando-lhe conhecimentos técnicos e as qualidades necessárias para desempenhar uma função produtiva visando à melhoria da vida e à proteção do meio ambiente, atendendo-se aos valores éticos. Ao adotar um enfoque global, fundamentado numa ampla base interdisciplinar, a educação ambiental torna a criar uma perspectiva geral, dentro da qual se reconhece existir uma profunda interdependência entre o meio natural e o meio artificial. Essa educação contribui para que se exija a continuidade permanente que vincula os atos do presente às consequências do futuro; além disso, demonstra a

Promoção:



Apoio:





interdependência entre as comunidades nacionais e a necessária solidariedade entre todo o gênero humano.

O enfoque global dado à Educação Ambiental, nos provoca a pensar nas relações humanas com o planeta e seus conflitos territoriais e fronteiriços, já que esta educação “demonstra a interdependência entre as comunidades nacionais”. Na virada do século, mas também do milênio, nos encontramos em trânsito, o que podemos ver constantemente nos noticiários¹ milhares de pessoas que ultrapassam fronteiras e migram pela Terra em busca de melhores condições de vida, para distanciar-se de guerras, de disputas de territórios, da falta de água e dos recursos naturais provocados pelas mudanças climáticas.

À medida que o espaço parece encolher numa “aldeia global” de telecomunicações e numa “espaçonave terra” de interdependências ecológicas e econômicas – para usar apenas duas imagens conhecidas e corriqueiras -, e que os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe o presente (o mundo do esquizofrênico), temos de aprender a lidar com um avassalador sentido de compressão dos nossos mundos espacial e temporal. A experiência da compressão do tempo-espaço é um desafio, um estímulo, uma tensão, uma profunda perturbação, capaz de provocar, por isso mesmo, uma diversidade de reações sociais, culturais e políticas (HARVEY, 2016, p.219) [grifo do autor].

A compressão do tempo-espaço foi um colapso nos conceitos absolutos advindos do pensamento iluminista que operou(a) através de uma visão “newtoniana”, marcada pela mecânica do universo, em que o mundo deve ser organizado por mapas e cronômetros precisos, tornando-o universal e homogêneo. Harvey (2016) traz o conceito de tempo-espaço em sua obra “Condição Pós-moderna”, para entendermos a contemporaneidade através da compressão espacial e temporal, como uma condição da pós-modernidade, em que a aceleração generalizada do tempo e a aniquilação do espaço, traz consequências nos modos de pensar, agir e de sentir, uma atualidade marcada pela volatilidade, instantaneidade e descartabilidade.

A liquidez do tempo e do espaço nos faz lembrar de Bauman com a metáfora da Modernidade Líquida. Bauman (2012) em “Ensaio sobre o conceito de cultura” ao pesquisar sobre o conceito de cultura e suas relações sociais, exprime sobre a oportunidade de agora percebermos de que os fenômenos espaciais são socialmente produzidos, e portanto sua função de delimitar e separar tende a mudar. Escreve ele, que ao olhar para a história pode-se questionar em que medida as fronteiras naturais e artificiais entre unidades territoriais foram produzidas, assim como o que está “dentro e “fora”.

¹ “Aquecimento global trará mais migrações, doenças e fenômenos extremos” (Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/16/eps/1568633180_345386.html)



Longe de ser um “dado” objetivo, impessoal e físico, a “distância” é um produto social. Sua extensão varia com a velocidade com que pode ser percorrida e, para todas as finalidades e propósitos práticos, superada (embora, numa economia monetária, também com os custos para que se atinja essa velocidade). Todos os outros fatores socialmente produzidos, relativos à constituição, separação e manutenção de identidades coletivas – tais como fronteiras entre Estados ou barreiras culturais –, parecem, em retrospecto, apenas efeitos secundários dessa velocidade. As oposições entre “aqui” e “lá fora”, “perto” e “longe”, e também a oposição entre “dentro” e “fora”, registravam o grau de subjugação, domesticação e familiaridade de vários fragmentos (humanos e não humanos) do mundo circundante (BAUMAN, 2012, p. 23).

Estes autores nos provocam a pensar na fronteira entre Brasil e Uruguai, na compressão do tempo-espaço, encurtando distâncias, nas velocidades de comunicação e encontros multiculturais. Se o espaço limiar da fronteira é produzido, constituído através das relações sociais, culturais e históricas, como podemos pensar as relações humanas com o ambiente?

Miramos para a Educação Ambiental e nos questionamos: Como podemos pensar a Educação Ambiental no presente? Para isso vemos que é necessário olhar para os processos e movimentos culturais no tempo-espaço da fronteira, especialmente entre o Brasil e o Uruguai. Qual a possibilidade de olharmos para a Educação Ambiental como um tempo-espaço fronteiro onde pode haver outras possibilidades? Talvez seja o momento de mirar a Educação Ambiental através de um estranhamento necessário, como condições de possibilidades para intervenções interculturais, extraterritoriais na fronteira entre Brasil e Uruguai.

A temática “Educação Ambiental e Fronteira” é extremamente potente para esta pesquisa e para os fundamentos em Educação Ambiental ao questionarmos as relações humanas com o ambiente produzidas nestes diferentes encontros culturais fronteiros. Na potência de provocar o pensar de outra maneira, para tornar-se diferente do que se é, de tensionar como entendemos o ambiente, o território e a cultura, e que muitas vezes são formas naturalizadas de compreender.

Nosso desejo é que através da Filosofia da Diferença, possamos potencializar os fundamentos da Educação Ambiental, trazendo à tona, não a repetição, o mesmo, mas a criação, a construção de possíveis educações ambientais em diversos espaços.

Em se tratando de fronteiras, a pesquisa se move principalmente entre o Brasil e o Uruguai, porém podem ser entrelaçados outros olhares lançados a diferentes delimitações geográficas, e em diversos períodos históricos, como por exemplo, em terras distantes... Em novembro de 1989 o Muro de Berlim foi derrubado, unindo a Alemanha oriental e ocidental,

Promoção:



Apoio:





o que para muitos simbolizava a globalização e a expansão das fronteiras, após 30 anos de sua queda, ainda assim podemos observar que as relações sociais e ambientais do mundo no século XXI estão longe de ser unificadoras e pacíficas. Nas fronteiras os muros são construídos diariamente, legitimados por nações, como exemplo os muros entre Estados Unidos e México, e entre Israel e Cisjordânia, entre tantos outros.

Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso (BHABHA, 2010, p. 21).

O multiculturalismo, o embaralhar das diferenças culturais são aprofundadas pelo escritor indo-britânico Homi Bhabha (2010) no livro “O local da cultura”, no qual propõe o local da cultura como um entre-lugar deslizante, marginal e estranho que por ser resultado de duas ou mais culturas é capaz de desestabilizar essencialismos. Seus ensaios analisam o discurso colonial a partir de um *corpus* literário, atento a outras vozes e histórias dissonantes:

A significação mais ampla da condição pós-moderna reside na consciência de que os “limites” epistemológicos daquelas ideias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes – mulheres, colonizados, grupos minoritários, os portadores de sexualidades policiadas. Isso por que a demografia do novo internacionalismo é a história da migração pós-colonial, as narrativas da diáspora cultural e política, os grandes deslocamentos sociais de comunidades camponesas e aborígenes, as poéticas do exílio, a prosa austera dos refugiados políticos e econômicos. É nesse sentido que a fronteira se torna o lugar a partir do qual *algo começa a se fazer presente* em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente (BHABHA, 2010, p. 24) [grifo do autor].

O local da cultura na fronteira é o lugar onde “algo começa a se fazer presente” outras histórias, outras possíveis pedagogias. Este escritor se utiliza de artefatos culturais, como a literatura, a fotografia, o cinema e performances que o levam a meditar sobre os mundos desiguais assimétricos e dos complexos entrelaçamentos da história e das fronteiras culturalmente construídas, revendo radicalmente o próprio conceito de comunidade humana, e ainda “o que seria esse espaço geopolítico, como realidade local ou transnacional, é o que se interroga e se reinaugura” (BHABHA, 2010, p.25).

A partir das leituras de David Harvey (2016), Bauman (2012) e Homi Bhabha (2010), pensamos a fronteira Brasil-Uruguaí, nesta inventiva criação de um modo de viver neste lugar, neste tempo-espaço fronteiriço. É nestes interstícios culturais que percebemos a potência do entrelaçamento entre a arte e a filosofia nas possíveis criações de um devir menor (DELEUZE, GUATTARI, 2003) nas relações humanas com o ambiente que vivemos.

Promoção:



Apoio:





Criar novas possibilidades de pensar a educação ambiental que escapem a condução das condutas, que driblem os mecanismos e as estratégias de subjetivação de uma educação ambiental maior. Empreender revoltas e resistências ao já dado, já instituído por esse campo de saber, nos provocar a pensar nos seus fundamentos e nas suas bases concretas e instituídas. Além disso, abrir frestas, ranhuras nos espaços maiores para se pensar diferentemente a um nível micropolítico. Não me interessa em propor modelos, mas a possibilidade de pensar a educação ambiental com um devir menor, experimentando paisagens, pensando nos modos de ser e viver daqui para frente (SCHLEE, 2019, p.141).

Aceitando o convite de Michel Foucault realizar como atividade filosófica o “trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento” (1984, p.13), onde a arte tecida junto à filosofia se torna a potência de possibilitar outros deslocamentos - de tensionar, de disparar o pensamento - ao que está dado ao campo de saber da educação ambiental. Um campo amplamente discutido e produzido no mundo moderno, mas que nos faz pensar o que pode e o que ainda cabe neste conceito, como também quais as possíveis educações ambientais (HENNING, MUTZ, VIEIRA, 2018).

Inventar nuevas armas pasa por crear otra EA, outra forma de ver nuestras relaciones com el planeta y com la vida. Y si la educación se hace de encuentros, que podamos crear potencia em espacios de conversaciones, indagaciones, enfado com los modos como hemos venido relacionándonos com los recursos naturales y las multiples vidas que aparecen em nuetros cotidiano. Es de esa conversación que quizá emerja alguna posibilidad de resistir y crear otras posibles educaciones ambientales (HENNING, 2017, p.353).

Na potência de pensar outros modos de se relacionar com o lugar que vivemos, Henning (2017) nos convida a criar outras educações ambientais, questionando os discursos que nos ensinam modos de ser e viver no planeta, e nisso vemos como possibilidade através de encontros com as múltiplas vidas do cotidiano nos espaços da fronteira. Diante disso, na sequência, discorreremos sobre a construção histórica e cultural da fronteira sul, fabricando modos de ser e viver neste lugar.

Brasil e Uruguai: movimentos históricos e culturais

A partir deste movimento filosófico, buscamos problematizar as construções culturais e históricas nos modos de ser e viver na fronteira entre Brasil e o Uruguai. A fronteira em movimento que constituiu o território do Rio Grande do Sul foi fabricada por uma concepção tradicional e idealizada, supervalorizando as rivalidades e a exclusão entre os povoadores hispânicos e lusitanos, exaltando virtudes de conquistadores/colonizadores que garantiu a posse do território para os portugueses e o Brasil, omitindo e minimizando as influências platinas (KÜHN, 2002). Este espaço fronteiro foi cunhado, forjado, pela história e cultura

Promoção:



Apoio:

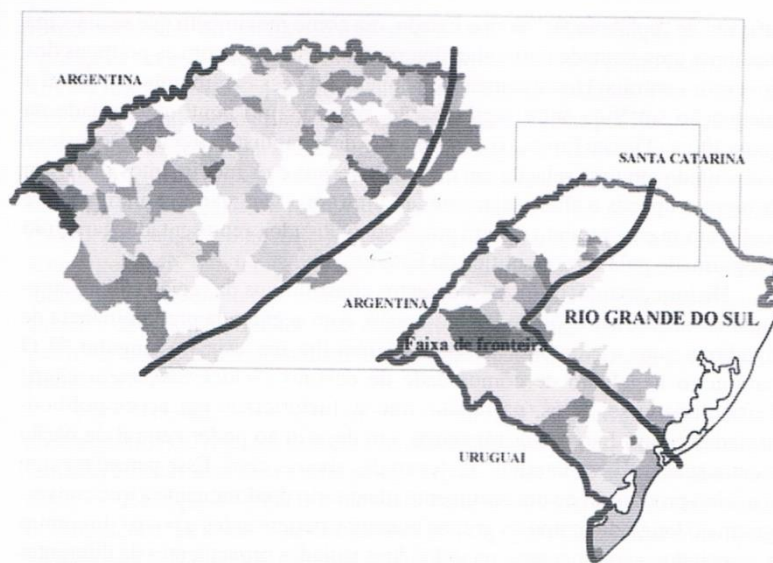




sul-rio-grandense, compartilhando do convite de Fábio Kühn (2002), entendemos a pertinência de repensar, compreendendo uma fronteira em movimento, com intensa circulação humana, heterogênea e instável.

No lado brasileiro, a fronteira é adotada como uma faixa de segurança nacional com 150 km internos (Figura 1) à linha divisória internacional, e estão sujeitos a legislação própria, assim como os municípios considerados dentro da faixa de fronteira, nesses territórios são vedadas as concessões de terras, aberturas de vias de transporte e instalação dos meios de comunicação, construção de pontes, estradas internacionais e campos de pouso, estabelecimentos ou exploração de indústrias classificadas como de segurança nacional sem o consentimento prévio da autoridade federal (GOLIN, 2002). Tais medidas normativas regulam os modos de vida dos fronteiriços nos seus aspectos ambientais, econômicos, sociais. Assim podemos observar na Figura 1 o mapa atual da faixa de fronteira entre o Rio Grande do Sul (Brasil) e os países vizinhos Uruguai e Argentina.

Figura 1. Mapa atual da faixa de fronteira do Rio Grande do Sul.



Fonte: GOLIN, 2002.

A fronteira sulina é uma construção histórica, seus limites foram fixados em seu traçado principal na metade do século XIX, ocorrendo um processo de agregação da herança colonial com o qual o Brasil-nação do Segundo Império confirmou a geopolítica do Estado português no Tratado de Limites de 1851 e suas demarcações entre 1852 e 1862 (GOLIN, 2002). O historiador Tau Golin (2002) em seu livro “A Fronteira”, desenvolve sua escrita em

Promoção:



Apoio:





torno da construção histórica da fronteira sulina, sua centralidade entre região e nação, as guerras e conflitos, assim como nossa herança platina.

A fixação da linha divisória, sua afirmação ou suas oscilações, em diferentes épocas dependeram de decisões acordadas politicamente. De 1777 à 1801, de acordo com o Tratado de Santo Ildefonso, foi criado o território neutral (Figura 2), a divisória era feita por duas linhas paralelas, que se aproximavam e distanciavam de acordo as bacias hidrográficas, isolando as lagoas Mirim e Mangueira, além de terras no litoral e entre linhas no interior do continente.

Figura 2. Território Neutral, linhas no sul.



Linhas no sul.

Fonte: GOLIN, 2002.

Um território que não pertencia nem a Portugal, nem a Espanha, mas que continuavam as disputas, os conflitos sobre esta faixa neutra, os comissários no seu trabalho demarcatório tiveram divergências em diversos setores, que só foi resolvida pela guerra de 1801 quando os luso-brasileiros ocuparam as áreas e expandiram as fronteiras para o sul, sudeste e oeste (GOLIN, 2002).

Faz-se necessário pensar a fronteira como uma construção histórica, cultural, social, em que a intervenção humana delinea seus significados, fabrica os modos de ser e viver e se

Promoção:



Apoio:





relacionar ambientalmente com este território. Não há uma dimensão natural, nem essencial neste espaço marcado como fronteira. Seus limites foram delineados, demarcados por práticas sociais e são plenamente mutáveis.

Pesquisadores e escritores no 1º Encontro Fronteiras Culturais: Brasil – Uruguai – Argentina (MARTINS, 2002) trouxeram a tona questões culturais, interesses comuns e diferenças em diversos aspectos entre estes países. Neste evento o escritor Aldyr Garcia Schlee reconhece o pluralismo da fronteira:

Outro ponto é admitir que somos culturalmente sincréticos, o que equivale a dizer que hoje já não somos nem uns – os originários; nem os outros – conquistadores. Mas que somos uns/outros, nós, *nosotros*, nós outros, marcados por nossa diferença, na qual se radica nossa especificidade. Nós na verdade, nos vemos muitos, sem cara; e nos perguntamos: quem somos? Para que sejamos nós, *nosotros*, nós outros, é preciso responder ainda outras perguntas, além de quem somos. É preciso saber – principalmente a partir de por que somos, afinal para que somos, e enfim, para quem somos, senão para *nosotros mismos*, para nós mesmos (SCHLEE, 2002, p.62) [grifo do autor].

A fronteira (Brasil-Uruguai) passa a ser compreendida por nós como um território para além dos limites geográficos, constituído de histórias, de significações, de experiências sociais, culturais, históricas, ambientais e econômicas. Um território preenchido de pessoas e de paisagens naturais-culturais. É neste espaço-tempo fronteiriço que vamos fabricando e inventando no cotidiano através da arte, da literatura, da cultura e história, que vamos fabricando quem somos *nosotros*.

Cenários Imagéticos da fronteira

Nesta seção, exploramos materiais que fabricam cenários imagéticos da fronteira Brasil-Uruguai articulando a arte e a filosofia para pensar possíveis educações ambientais nesse espaço-tempo fronteiriço. Esses cenários são compostos por imagens, sons, narrativas de fronteiriços e fronteiriças em dois documentários, o primeiro é o “A linha Imaginária” (2014) e o segundo é “Fronteirz@s” (2022) com o episódio “Casa de Rio”.

O documentário “A Linha Imaginária” (2014) foi realizado por Moviola Filmes, dirigido por Cíntia Langie e Rafael Andreazza, com roteiro de Rafael Andreazza, direção de fotografia de Alberto Alda, produção de Bianca Dornelles e Cíntia Langie. Um documentário sobre a fronteira Brasil-Uruguay, ao assistir percorremos com os olhos - e os sentidos - as paisagens da fronteira entre Brasil e o Uruguai, gravado em 2013 em cidades Aceguá/Acegua,

Promoção:



Apoio:





Santana do Livramento/Rivera, Jaguarão/Rio Branco, Chuí/Chuy, cidades irmãs deste espaço fronteiriço.

Figura 3. Imagem do documentário “A linha imaginária”.



Fonte: A linha imaginária, 2014.

Um olhar para a fronteira cultural que une os dois países, tornando algo único e singular neste local. Nas palavras dos artistas entrevistados sobre o que é a fronteira, relatam que esse espaço é como um estuário: “[...] *Jallá a água salgada, allá a água dulce e acá, no meio, está a cosa mesclada onde brota e crescem espécies que não crescem nos outros lados, nós somos essas espécies*” (Diálogo entre Fabían Severo e Ernesto Diaz, 2014). Somos como espécies de um estuário, vivemos em um lugar único onde se mesclam culturas, línguas, formas de viver e ver o mundo.

O longa-metragem *Fronteriz@s* (2021) foi realizado pela Sociedade Independente Cultural de Jaguarão e CoProdução de Fronteras Culturales. Composto por cinco episódios, documentário e ficção, que trazem encontros potentes a partir de cinco localidades: Santa Vitória do Palmar/Chuy, Jaguarão/Río Branco, Pelotas, Bagé e Livramento/Rivera. O episódio “Casa de Rio” foi dirigido por Luiz Alberto Cassol, localizada entre Jaguarão (Brasil) e Rio Branco (Uruguai).

Em complemento à pergunta destinada aos artistas da fronteira no documentário “A linha imaginária”, no episódio “Casa de Rio”(2021) a artista Laura Corrêa expõe que: “*Pero cuando miro este río. Soy parte de él, así como él es parte de mi vida. Este puente, la*

Promoção:



Apoio:





frontera. Porque la gente dice que vive en la frontera. Pero, ¿qué significa vivir en la frontera” [...]. E finaliza: “Porque tú nutres todo. Porque bebes esta agua, que tiene un poco de cada lado”.

Por isso, buscamos pensar educações ambientais que bebem desta água, que tem um pouco de cada lado, brasileiro e uruguaio, que tem por premissas o comprometimento com a mescla, o mestiço, transgredindo suas linhas imaginárias. Em ambos documentários, é possível ver cenários, vozes e sons de uma fronteira múltipla e singular, desta forma cria cenários imagéticos que nos instiga a pensar sobre as possíveis educações ambientais, cunhada pela diferença, pelo dissenso, pelo contrabando de pensamentos.

Algumas considerações

Partimos de uma fronteira fixada por leis, decretos, tratados e normas, marcada por processos burocráticos e diplomáticos contada por uma história oficial para ir além de uma fronteira constituída, como algo imutável, ou natural para pensar no espaço-tempo da fronteira entre o Brasil e o Uruguai como aquilo que é móvel, possível de fluxos e intensidades, rupturas e coexistências múltiplas.

A partir da Filosofia da Diferença nos propomos e estendemos o convite à pensar tais fluxos de vidas que transpassam os limites previamente estabelecidos. São atravessamentos que compõe os modos de viver na fronteira, processos culturais, estéticos, ambientais, sociais que constituem esta região de fronteira, aqui e acolá.

Na continuidade desta pesquisa, pretendemos realizar um exercício filosófico ao pensar nos atravessamentos do campo de saber da educação ambiental, e que constituem um modo próprio de viver nas possibilidades múltiplas de criar um devir menor na educação ambiental no entrelaçamento entre arte e filosofia.

Referências

A LINHA IMAGINÁRIA. Cíntia Langie, Rafael Andrezza. Pelotas/RS: Moviola Filmes. 2014. Disponível em: <https://youtu.be/yLkSZhO4i5w> Acesso em: 25 de julho de 2023.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

Promoção:



Apoio:





DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka, para uma literatura menor**. Lisboa: Editora Assírio & Alvim. 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FRONTERIZ@S. Episódio Casa de Rio. Luiz Alberto Cassol. Jaguarão/RS: Sociedade Independente Cultural de Jaguarão e CoProdução de Fronteras Culturales. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H-uBowdCBRs&t=2394s> Acesso em: 25 de julho de 2023.

GOLIN, Tau. **A Fronteira**. Governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina. Porto Alegre: L&PM. V.1, 2002.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola. 26ª edição, 2016.

HENNING, Paula Corrêa. Límites y Posibilidades de la Educación Ambiental. **Bajo Palabra**. 11ª época, n.º 17, 2017, p.341-358.

HENNING, Paula Corrêa; MUTZ, Andresa Silva da Costa; VIEIRA, Virgínia Tavares (org). **Educações Ambientais possíveis: ecos de Michel Foucault para pensar o presente**. Curitiba: Appris, 2018.

KÜHN, Fábio. **Breve História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

MARTINS, Maria Helena (Org.) **Fronteiras Culturais (Brasil-Uruguai-Argentina)**. Cotia/SP: Ateliê Editorial. 2002.

SCHLEE, Aldyr Garcia. **Uma terra só**. São Paulo: Melhoramentos. 153p. 1984.

SCHLEE, Aldyr Garcia. Integração Cultural Regional. In: MARTINS, Maria Helena (Org.) **Fronteiras Culturais (Brasil-Uruguai-Argentina)**. Cotia/SP: Ateliê Editorial. 2002, p. 61-68.

SCHLEE, Juliana. **Mulheres, Pampa e Natureza: um olhar para a educação ambiental**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental (PPGEA). Rio Grande, RS, 2019.

Promoção:



Apoio:

